
Cesár Augusto Soares da Costa²

Resumo: O texto aborda a relação entre a cruz e a esperança cristã no pensamento teológico do teólogo italiano Bruno Forte. Nesta problemática, situaremos a perspectiva do sofrimento humano à luz da ressurreição de Jesus Cristo. Sendo que a concepção de Bruno Forte sobre a questão possibilita novas interpretações, onde sua cristologia dogmática de viés histórico poderá abrir posteriores elaborações na reflexão cristológica contemporânea.

Palavras-chave: cruz; ressurreição; sofrimento; esperança.

Introdução

A cruz, o sofrimento e a morte e suas interpretações teológicas estão situadas no Novo Testamento, na tradição anterior aos tempos modernos, em continuidade com as interpretações religiosas de mundo. Sob a suspeita da Ideologia Iluminista do século XVIII e da conseqüente secularização do mundo moderno³,

¹ O presente artigo é parte do Trabalho de Conclusão de curso apresentado como requisito parcial para à obtenção do Título de Bacharel em Teologia, orientado pelo Prof. Dr. Cláudio Neutzling no semestre acadêmico de 2002/2, no Instituto Superior de Teologia-UCPEL.

² Pesquisador, Mestre em Teologia Sistemática pela PUCRS, Bacharel em Sociologia pela UFPEL e em Teologia pela UCPEL.

³ A respeito do homem secular e de sua concepção iluminista, veja-se o que diz Bruno Forte: “O homem secular, que experimentou a autonomia do mundano e, em todos os campos do pensamento filosófico e científico, levou até as últimas conseqüências o processo de emancipação iniciado pelo Iluminismo. Esse homem chegou a captar, com a relação a Deus, a autonomia da própria existência do crente, chamado a viver no mundo como se Deus não existisse. O ateísmo moderno não tem mais o sentido de oposição a Deus e de polêmica contra Deus, de antiteísmo mas de ausência e radical carência intencional da fuga de Deus com relação ao homem e da fuga do homem com relação a Deus. Os deuses e seus pálidos filhos, símbolos da metafísica, estão desaparecendo. O mundo esta cada vez mais se tornado apenas mundo. É privado de seu caráter religioso. O homem se torna sempre mais apenas homem e perde os significados

a desvalorização teológica da cruz leva a diversos questionamentos. Tanto a cruz como o sofrimento surgem neste mundo secularizado, como símbolos das dimensões da obscuridade do ser humano, da sua não-liberdade, bem como do escândalo da sua morte. Aliás, já o apóstolo Paulo, nas suas cartas dirigidas para à comunidade de Corinto, afirmava sua dificuldade de anunciar a loucura da Cruz e do Deus Crucificado, ante a suposta sabedoria do mundo (cf. *1 Cor* 1, 23-25)! De fato, diante do mundo moderno, as posições determinantes para que a compreensão do anúncio da cruz e da práxis do seguimento de Cristo são sobretudo consideradas, de um lado, como experiências de uma não-liberdade e, do lado cristão, como momentos onde a história não está plenamente acabada, exigindo uma intervenção de Deus na história, que seja capaz de dar-lhe um autêntico acabamento.

A Redenção pela cruz afirma muito mais que uma visão alienante do sofrimento e apresenta sim uma visão de superação diante da situação de perdição em que o homem se encontrava no passado e se encontra no presente. Deste modo, não é mais possível centrar-se numa linha divisória entre a cruz que deve ser aceita e a cruz que deve ser superada. Pois entre a cruz de Jesus Cristo, cruz que o discípulo carrega e entre a do homem sofredor existe uma ligação igual, na qual também a teologia tradicional e a teologia moderna devem ser revistas, tomando em conta os aspectos que, de certo modo, são relevantes para uma reta compreensão do seu sentido e, sobretudo, do seu sentido salvífico.

Pensada nesta perspectiva, desde a origem dos tempos o ser humano anseia por uma resposta sobre sentido da dor, do sofrimento e da morte. Sofrimento que perpassa toda lógica do ser humano enquanto ele existe. Assim, toda lógica do sofrimento humano também possui suas respostas, que, por sua vez, suscitam dúvidas quanto ao seu verdadeiro sentido. Neste contexto, a esperança cristã se configura em algo muito maior do que uma simples questão, porque toda lógica da dor e do sofrimento cristão adquire um novo significado a partir da ressurreição de Jesus,

místicos e os reflexos cúlticos que os distinguiam durante o estágio religioso da história, estágio que já se aproxima do fim. Agora, o homem deve assumir a responsabilidade pelo mundo. Não pode descarregar essa responsabilidade nos ombros de algum poder religioso. (...). Inicia-se uma autocrítica da crítica moderna, uma dialética do Iluminismo, que procura mostrar os limites da racionalidade, prisioneira de si mesmo, organizada e manipulada. Enquanto assim se esboça uma saudade da justiça, redescobre-se a presença de um Deus que não concorre com o homem, mas que, ao contrário, está a seu lado, de modo especial no sofrimento, pregado que se acha na cruz do mundo. (...). Aqui está a contradição do homem secular: com Deus e na presença de Deus, ele vive sem Deus". Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 11-12.

princípio (arché) e fim (telos) da história.

De fato, o Homem de Nazaré viveu e suportou o seu sofrimento de maneira ímpar, onde a Cruz, sinal e instrumento de justiça, adquire significado de Glória, amor, doação a um projeto que confunde toda concepção humana. A Cruz se instaura como loucura, e torna-se sinal de salvação para todos. Sendo assim, o que se tornou o maior escândalo de nossa história, a morte de Cristo na Cruz, passou a ganhar um sopro novo a partir do plano salvífico de Deus, onde o Sofredor abandonado nos seus tremores é exaltado com o senhorio sobre a história.

O objetivo central do nosso trabalho é analisar a concepção da Teologia da Cruz no pensamento de Bruno Forte⁴, permitindo também identificar as relações entre a dor humana e o sentido que a cruz traz. A partir daí, pretende estabelecer uma análise sobre o sentido do sofrimento dentro da perspectiva da ressurreição e da esperança na Glória.

A escolha por Bruno Forte e de suas obras como objeto desta análise deve-se, primeiramente, à afinidade intelectual e criticidade pelos seus escritos por parte deste pesquisador, bem como pelo desafio do tema da cruz e do sofrimento, tema que foi e é sempre fruto de questionamentos ao longo do pensamento teológico. De fato, todo cristão e, sobretudo, os teólogos possuem explicações quanto à concepção da Teologia da Cruz, as quais, algumas vezes, se esvaziam por falta de compreensão adequada. Por fim, a compreensão da *Teologia da Cruz* na reflexão de Forte é por demais instigante, em se tratando da atualidade de suas reflexões, sua coerência com o pensamento acadêmico e do Magistério, que, por sua vez, demonstra respeito por este autor.

Como metodologia, o presente artigo pretende fazer uma exposição clara do pensamento de Bruno Forte, indo aos textos do autor. Além disso, pretende-se utilizar o método histórico-

⁴ Bruno Forte é italiano, nasceu na cidade de Nápoles na Itália no ano de 1949, sendo ordenado sacerdote no ano de 1973, e concluindo posteriormente os graus acadêmicos de Doutor em Teologia e Filosofia. Também é docente de teologia dogmática na Faculdade da Itália Meridional, e membro da Comissão Internacional de Teologia, tendo publicando inúmeras obras: *Jesus de Nazaré*, *Trindade como História*, *A missão dos leigos*, *A Igreja ícone da Trindade*, *Trindade para Ateus e Introdução a Fé*. Forte tem como base de sua reflexão a tradição do pensamento histórico italiano, sobretudo da Itália meridional; na linha de Joaquim de Fiore, Tomás de Aquino, G. Bruno, G. B. Vico e de Afonso de Liguori, chegando ao Iluminismo napolitano e à escola teológica do século XIX, expressa na Revista *A Ciência e a Fé*, que esforçava-se por pensar o encontro do mundo de Deus com o dos homens, consumado na história humana, revelada em Cristo. A Teologia de Bruno Forte vem contribuir de modo que o autor pensa historicamente Deus e teologicamente o homem, a Revelação pela história, bem como a história pela Revelação, refletindo trinitariamente Deus em relação a vida do homem e, em relação com a história.

existencial, por resgatar questões históricas e presentes, à luz da realidade bíblica, e para estabelecer o sentido real que a Teologia da Cruz traz para a existência e a espiritualidade cristã. Dentro da vastidão do tema, foram realizadas delimitações necessárias, procurando abordar somente o que fosse necessário à melhor compreensão do pensamento de Bruno Forte, tendo como referências básicas as obras *Jesus de Nazaré*, *A Trindade como História*, *A Teologia como Companhia*, *Teologia da História*, *Trindade para Ateus*, *A Igreja ícone da Trindade e Introdução à Fé*. Também procuramos, dentro do tema proposto, fazer uma breve sistematização de algum material bibliográfico de que pudemos dispor sobre o assunto na visão de outros autores, fazendo-o em debate com Bruno Forte. Na conclusão, pretendemos fazer uma avaliação de síntese, apontando para o sentido cristão da Teologia da Cruz, na perspectiva da Ressurreição.

1 O sofrimento humano na Bíblia

O campo do sofrimento humano é vasto, muito diversificado e complexo, onde a humanidade sofre de várias maneiras. Pois o sofrimento é algo muito mais complexo do que uma simples doença, talvez seja algo intrínseco à própria realidade humana. Isso pode ser visto pela distinção feita entre sofrimento físico e sofrimento moral⁵. A Bíblia é um grande livro sobre o sofrimento⁶. No Antigo Testamento, mencionamos apenas alguns exemplos de situações sobre este tema: o perigo da morte (*Is* 38,1-3), a falta de descendência (*Gn* 15,2; 30,1; *ISm* 1,6-10), a hostilidade (*Jr* 18,18), a solidão e o abandono (*Is* 53,3; *Jr* 15,17), o sofrimento dos justos (*Eccl* 4,1-3), a dor dos ossos (*Is* 38,13; *Jr* 23,9), dos rins (*Lm* 3,13; *Jó* 16,13), do fígado (*Lm* 2,11), e do coração (*ISm* 1,8; *Jr* 4,19; 8,18; *Lm* 1,20.22). Nele, encontramos uma série de situações dolorosas para os homens, onde o que se refere ao tema do sofrimento, repete-se nestes livros sobre a história do homem e que, através dos séculos, é lida através da história de cada homem.

⁵ "Esta distinção toma como fundamento a dupla dimensão do ser humano e indica o elemento corporal e espiritual como o imediato ou direto sujeito do sofrimento. Ainda que se possam usar, até certo ponto, como sinônimas, as palavras "sofrimento" e "dor", o sofrimento físico dá-se quando, seja de que modo for, "dói" o corpo; enquanto que o sofrimento moral é "dor da alma". Trata-se, de fato, da dor de tipo espiritual e não apenas da dimensão psíquica da dor, que anda sempre junto, tanto com o sofrimento moral, como o sofrimento físico". Cf. PAULO II, João. *Salvifici Doloris*, n. 5, p. 10.

⁶ "Com efeito, este vocabulário não possuía uma palavra específica para designar o sofrimento; por isso, definia como "mal" tudo aquilo que era sofrimento". Cf. Idem, n. 7, p. 12.

Podemos dizer que a humanidade sofre quando se experimenta um mal. A relação entre sofrimento e mal, no Antigo Testamento⁷, é colocada em relevância como identidade. Somente a língua grega e o Novo Testamento se servem do verbo afetar, sofrer; e graças a este termo, o sofrimento já não é identificável com o mal, mas exprime uma situação na qual o homem se sente afetado pelo mal, e sentindo-o torna-se sujeito do sofrimento. “Mesmo quando o homem provoca em si próprio um sofrimento, quando é o autor do mesmo, esse sofrimento permanece como algo passivo na sua essência metafísica⁸”. Assim, coloca-se, de fato, no cerne da questão uma experiência subjetiva que pode ser diferenciada da dor, da tristeza, da desilusão que atormenta o ser humano na sua profundidade. Naquilo que constitui uma forma meramente psicológica do sofrer, encontramos sempre uma experiência do mal, por motivo do qual o homem sofre.

Colocada nestes termos a realidade do sofrimento, levantamos uma questão quanto à essência do sofrimento: por que existe o mal? A resposta cristã⁹ difere de outras religiões e tradições culturais. Ou seja, o sofrimento constitui um mundo específico que existe com o homem, onde eles se tornam semelhantes pelo seu sofrimento, e sobretudo na sua interrogação sobre o seu sentido. Todavia, a realidade do sofrimento contém em si mesmo um real convite à comunhão e à solidariedade para com os “*sofredores*”.

Ao relacionarmos o mundo do sofrimento ao seu sentido, não podemos deixar de olhar os períodos particulares do nosso

⁷ "No Antigo Testamento, notamos uma orientação que tende a superar o conceito o qual o sofrimento teria sentido como castigo pelo pecado, ao mesmo tempo, que se acentua o valor educativo da pena-sofrimento. Deste modo, nos sofrimentos infringidos por Deus ao povo está contido um convite da sua misericórdia, que corrige para levar à conversão. "Esses castigos não sucederam para vossa ruína, mas são uma lição salutar para o nosso povo" (2Mc 6,16). (. . .) Está profundamente arraigado em toda a revelação da Antiga e sobretudo na Nova Aliança. O sofrimento deve servir a conversão, isto é, à reconstrução do bem no sujeito, que deve reconhecer a misericórdia divina neste chamamento à penitência. A penitência tem como finalidade superar o mal que, sob diversas formas, se encontra latente no homem, como nas relações com os outros e, sobretudo, com Deus". Cf. Idem. n. 12, p. 21.

⁸ Cf. PAULO II, João. *Salvifici Doloris*, n. 7, p. 13.

⁹ "O Cristianismo proclama que a existência é essencialmente um bem e o bem daquilo que existe; professa a bondade do Criador e proclama o bem das criaturas. O homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poderse-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou. Sofre em particular quando "deveria" ter a participação num determinado bem segundo a ordem normal das coisas e não a tem. Por conseguinte, no conceito cristão, a realidade do sofrimento explica-se por meio do mal que, de certa maneira, está sempre em referência a um bem". Cf. Idem, n. 7, pp.13-14.

tempo, onde se colocam exemplos de “sofrimentos naturais”, sociais ou até mesmo de nossas faltas que, de certo modo, transformam nossa época¹⁰ num mundo de sofrendores... mundo de transgressões, de omissões humanas, do mal praticado aos indefesos, de injustiças realizadas em certos espaços da nossa existência terrena.

2 A teologia das dores da história

“As raízes da teologia desde o avesso da história são indicadas por G. Gutierrez num amplo conjunto de fatores¹¹”. Em primeiro lugar, “*uma fecunda redescoberta da caridade*” como centro da vida cristã, que levou a pensar a teologia como uma tomada de posição diante da vida. Em segundo lugar, uma permeada pela história espiritual do nosso tempo, marcada por uma síntese que visava contemplar e agir, levando a uma descoberta do valor do sentido cristão no mundo¹². Para Forte, estes dois fatores apontados por Gustavo Gutierrez¹³ contribuíram para uma virada na reflexão delineada pela teologia, porque possibilitou uma reavaliação da ação do homem em relação com a história. Através da perspectiva da “*Nouvelle théologie*¹⁴” (Nova Teologia) chegada

¹⁰Segundo Forte: "Passam-se os tempos e mudam as estações, e permanecem e se renovam os conflitos dos povos, das classes, das raças, dos indivíduos, com todo o caudal de lágrimas e mortes, de que a terra está cheia. A dor é verdadeiramente a categoria universal: pode-se possuir mais, pode-se alegrar em várias medidas. Mas a hora obscura do sofrimento e da morte não poupa ninguém". (. . .) Cf. Bruno Forte. *A Teologia como Companhia*, p. 37.

¹¹ Cf. FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia*, p. 28.

¹² Ibid.

¹³Gustavo Gutierrez, na sua reflexão teológica, não apenas constata a presença dos pobres e que a pobreza é grande, mas busca compreender as razões dessa pobreza. Por isso, para ele, o maior desafio teológico que se coloca na América Latina é como encontrar uma linguagem sobre Deus que nasce desde a situação e sofrimento criados pela pobreza injusta em que vivem as grandes maiorias. Gustavo Gutierrez tem em mente o que significa falar de Deus a partir do contexto latino-americano; mas concretamente, a partir do sofrimento dos pobres. Sua teologia consiste em falar de Deus a partir do sofrimento do ser humano. Sua reflexão tem a máxima articulação com a vida, a vida inocente negada e sofrida. (. . .) Para Gustavo Gutierrez, cada um de nós - segundo a sua capacidade - deve fazer conhecer aos que estão a sua volta, o mistério que o faz viver. Esse mistério é o mistério proclamado pelo Filho de Deus, morto e ressuscitado" (. . .). Cf. KNEIP, Telmo. *Ensaio de Antropologia Teológica*, p. 40.

¹⁴ "Os primeiros sinais da *nova teologia* surgiram na França imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Já eram visíveis em algumas obras de Chenu, Bouillard, de Lubac e Daniélou, na fundação da coleção patristica *Sources Chrétiennes* que parecia ter a intenção de golpear a teologia escolástica, (. . .) Durante algum tempo, os "novos teólogos" foram vistos com simpatia. Mas com o aparecimento de Daniélou os teólogos tradicionais reagiram com decisão. Em um artigo na *Revue thomiste*, o Padre Labouette denunciou os perigos da "nova teologia". (. . .) Também censurava os novos teólogos por contraporem a patristica à escolástica, ao invés de servirem-se de ambas

ao Concílio Vaticano II (1962-65), a Igreja surgiu como um lugar teológico estimulado a pensar criticamente a fé, para servir concretamente. Sendo que esta Igreja amadurecida neste processo, constituiu ao mesmo tempo um 'convite à análise intelectual' às exigências de uma ação pastoral¹⁵, a serviço do povo. Assim, para Forte, foi possível encontrar uma esperança na vida do povo¹⁶ da América Latina, porque o sentido e a presença divina estavam presentes em todos aspectos da vida deste povo. A devida atenção à humanidade de Jesus, originou-se um novo sentido para a dor e para o sofrimento, para as privações e para a morte.

Na articulação de uma teologia radicada na memória espiritual de um povo sofrido¹⁷ e humilhado, Bruno Forte postula que uma teologia deve estar nutrida de silêncio e escuta, para se

para um melhor entendimento da Revelação. E concluía a crítica de que o movimento da "nova teologia" estava inteiramente embebido de relativismo. A controvérsia difundiu-se rapidamente, assumindo dimensões gigantescas e envolvendo todos os mais cotados teólogos católicos. Até que, num dado momento, tornou-se inevitável a intervenção da Santa Sé: em 1 de agosto de 1950, Pio XII publicou a encíclica *Humani Generis*, advertindo para os perigos da "nova teologia" e reafirmando a validade da teologia tradicional". Cf. MONDIN, Battista. *Os Grandes teólogos do século vinte. Vol. I - Os teólogos católicos*, pp. 24-25. Para Gibellini: "A nova escola onde lecionaram teólogos como Gardeil, Chenu e Congar; filósofos como Mandonnet e Sertillanges, manteve-se alheia à controvérsia modernista, mas empreendeu aquela "reforma da teologia", aquela obra de "saneamento do campo teológico" que a controvérsia modernista impunha com urgência. A situação, mesmo em sua dramaticidade, era vista como uma crise de crescimento: "A fé, e com ela a ciência teológica, no ato de tomar posse de novos instrumentos racionais". Era um situação que exigia uma ação de grande fôlego. (. . .) Poderse-ia dizer que este movimento teológico, sustentado por uma dupla preocupação, a do retorno às fontes e a da abertura ao mundo moderno, se situava exatamente na diretriz que sempre deve ser a da teologia e da Igreja". Cf. GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do século XX*, p. 165-173.

¹⁵ Para Forte o único modo de fazer uma teologia radicada na memória coletiva dos pobres: "É através da piedade popular, que valoriza o coração, a intuição e o recurso à forma simples, mas contemplativas de oração repetitivas e litânicas, através da devoção à paixão, que se expressa as formas densas e tocantes e que nutre a capacidade de aceitar os sofrimentos na companhia do Crucificado, através da luta e da festa, que alimenta procissões de penitência, de conversão e de empenho e as explosões coletivas de alegria pela salvação recebida". Cf. FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia*, p. 29.

¹⁶ No entendimento de Forte: "Nas raízes da teologia feita na práxis de libertação antolha-se-nos então algo bem diverso de uma terra estranha e desviante da alma cristã. Em sua profundidade, temos aí o encontro do Absoluto e da história que o evangelho proclama em Jesus Cristo. (. . .) Nutrindo a busca e o desejo de Deus, que levam não de fora da luta, e sim à brecha da história, não a solidão de um intimismo egoísta, e sim à companhia dos pobres e dos crucificados deste mundo". Ibid.

¹⁷ Para Gustavo Gutierrez, no sofrimento humano está estampada a negação da vida, portanto do projeto maior de Deus. Para ele, no sofrimento inocente dá-se quando aqueles que sofrem são vítimas de opressão e exploração injustas. Um sofrimento injusto que parece negar - em nível de experiência humana - o amor de Deus, pois nada pode justificar que um ser humano careça do necessário para viver dignamente e que seus direitos mais elementares não sejam respeitados". Cf. KNEIP, Telmo. *Ensaio de Antropologia Teológica*, p. 42.

tornar palavra diante da dor dos últimos, uma escuta silenciosa da palavra do Deus vivo. Após tal escuta torna-se uma palavra presente nos crucificados deste mundo que choram e lançam seu grito: 'tenho fome, estou na prisão' (cf. *Mt 25,31-46*). Neste momento, os Crucificados da história querem ressuscitar¹⁸, onde a fidelidade ao mundo dos pobres conjuga-se com a fidelidade ao mundo de Deus, para puxar, em certo sentido, um futuro de Deus para o presente dos sofredores transformando seu mundo.

Para Bruno Forte, somente sabendo comprometer-se com o mundo de sofrimento dos pobres, é que se poderá falar de sua esperança¹⁹. Até porque, levando a sério a dor dos homens e o sofrimento dos inocentes à imagem da cruz, é que podemos evitar que a teologia²⁰ seja um discurso vazio. Somente deste modo, assevera Forte, é que uma teologia poderá realizar sua grande tarefa na tradição cristã²¹.

¹⁸ Na concepção de Forte: "(...) é sobretudo a Ressurreição que traz em si a força inaudita da libertação: ela é a manifestação plena da intervenção de Deus no tempo dos homens, do Deus que liberta da prisão da morte e introduz no horizonte do Reino. Ela abre radicalmente para o futuro e inicia o tempo penúltimo, como estação onde se supera o passado de iniquidade rumo à justiça de Deus. Contra toda tentação de reduzir a história a simples ordem estática, o poder e a novidade do Espírito do Ressuscitado apelam para uma história sempre aberta, num futuro em que a "nova criação" e o "homem novo" se exprimem na solidariedade nova entre os homens". Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*. p. 21.

¹⁹ Sobre a esperança, Forte assinala que: "O cristianismo neotestamentário é, nesse sentido, religião da esperança, testemunho do cumprimento da promessa feita aos Pais e premissa de um cumprimento novo e definitivo iniciado na ressurreição de Jesus entre os mortos. Esvaziar o querigma deste conteúdo soteriológico central significa traí-lo, privá-lo daquilo que demais característico e central existe nele". Cf. FORTE, Bruno. *Trindade para Ateus*, p. 214.

²⁰ Sobre a função de pensar criticamente, Forte conclui que: "A Teologia representa o momento crítico, isto é, o momento reflexo e operante no discernimento e no juízo, desse caminhar da Igreja em direção ao mundo. Por isso, a teologia vive como consciência crítica da comunidade cristã nas três dimensões: comunhão ("koinonia"), testemunho ("martyria") e serviço ("diakonia"). Como consciência crítica de uma Igreja em comunhão com os homens ("koinonia"), (...) enquanto consciência crítica de uma Igreja que dá testemunho, a teologia deve ser memória do Crucificado-Ressuscitado e memória do Pai, na força do Espírito, ou seja, deve ser uma teologia que atualize a mensagem cristã e a testemunhe diante das expectativas do tempo, anunciando e denunciando corajosamente, livre diante dos sistemas deste mundo, subversiva da subversão da Cruz, e da alvorada pascal. Finalmente, enquanto consciência crítica de uma Igreja chamada ao serviço dos homens, a teologia deve verificar e orientar continuamente a práxis, visto que não basta interpretar teologicamente o mundo, mas é preciso transformá-lo "teologicamente". É preciso que seja uma teologia profética, que seja um palavra para o hoje da Igreja e do mundo, uma consciência crítica da história: que seja, portanto, no sentido mais amplo, uma teologia política, uma teologia da libertação, uma teologia que vive na luta". Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 40-41.

²¹ Sobre a tradição neotestamentária, Forte diz que: "Neste sentido, nela a palavra da fé situa-se no centro da aldeia, no coração da outra história, que o Deus cristão na cruz demonstrou privilegiar e ter feito sua. Teologia situada na verdade do êxodo, ela não é

Vejamos agora a perspectiva cristã do sofrimento frente ao futuro humano.

3 A perspectiva cristã no futuro humano

No mesmo modo como foi traçado pela dor, emerge o futuro do mundo como espera e projeção para o devir. Em certo sentido, o homem é o futuro que ele mesmo escolhe, sendo que a adequação ao futuro é sempre proclamada e nunca plenamente alcançada. Na contradição entre o presente e o futuro, determinam-se as várias possibilidades do homem diante do futuro: o desespero, a presunção ou a sua esperança²². Forte, pensa que o desespero é a atitude daqueles que negam o futuro, porque o identificam com o mal presente. Para eles nada é possível, a história já está acabada e o transcorrer do tempo não é mais do que a trágica renovação dos sofrimentos do mundo. Assim, como a presunção é a recusa do presente, é a atitude daqueles que avaliam de maneira errônea a si próprios e as capacidades do mundo, não aceitando considerar o bem futuro com algo difícil de ser conquistado.

Para o futuro das esperanças²³ humanas, Forte distingue

menos fiel ao advento: a Palavra nela não ressoa como estrangeira e longínqua, e sim como familiar, capaz de dar sentido e compromissos e contagiar esperanças, realizando assim a promessa divina: "Este mandamento ... não é excessivo para ti, nem está fora do teu alcance. Ele está no céu, para que digas: 'Quem subirá por nós até o Céu, para trazê-lo a nós, para que possamos ouvi-lo e pô-lo em prática?' (. . .) Entre êxodo e advento, entre caminhos dos pobres rumo à terra prometida e dom divino que vem resgatar e salvar a história, a teologia libertadora é mediação crítica, na implicação total do pensamento da vida. Ele restitui memória aos humilhados e ofendidos, nutre a companhia do empenho, contagia com a esperança". Cf. FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia*, p. 34.

²² Forte alude que: "Diante do desespero e da presunção está a esperança. Ela é a espera vigilante de um bem futuro, árduo mas possível de ser alcançado; ela é "a paixão daquilo que é possível (Kierkegaard); ela é o correlativo do sofrimento diante da injustiça do mundo, em relação à qual se coloca como superação e como promessa. Neste sentido, é o mas inato dos sentimentos humanos. Mais ainda: é o sentido profundo e a estrutura da existência humana do mundo. (. . .) Conseqüentemente, o homem vive na medida em que espera, o homem "é" a esperança". FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 29.

²³ "Rica expressão desta "escatologia histórica" pode ser considerado o pensamento de Jürgen Moltmann, especialmente na sua obra *Teologia della Speranza*. Ela se apresenta como projeto hermenêutico que envolve todo pensamento cristão: "A escatologia histórica poderia recuperar sua preeminência no campo da teologia e, não obstante, continuar sendo tema estéril de discussões teológicas caso não se conseguisse deduzir dela as conseqüências para o novo modo de pensar e agir em relação com as coisas deste mundo. Enquanto a esperança não se transformar, ela continuará inoperante e ineficaz". (. . .) A escatologia cristã fala de Cristo e seu futuro. Sua linguagem é a linguagem da esperança. Ela entende a história como realidade inaugurada pela promessa. Na promessa e na esperança presente, o futuro da promessa, que ainda não se realizou, se encontra em contradição com a realidade apresentada. É através dessa

dois sentidos de futuro: o “*futuro relativo*”²⁴ e o “*futuro absoluto*”²⁵. O futuro relativo é aquele que nós podemos prever e realizar, é o futuro como projeto fundado nas possibilidades da realidade, o futuro que já está sendo gestado em nossas mãos. E o futuro absoluto é exatamente o diverso: não é a meta do nosso caminhar, mas aquilo que o contraria, o não projetado, o não evolutivo com a incompreensibilidade e a finitude que lhe são inerentes. É o futuro que vem até nós no sentido de um “*adventus*”, não aquele que nós projetamos, e sim o futuro em sentido próprio, a Jerusalém celeste de Deus, esclarece Forte.

Na perspectiva cristã²⁶, e sua dimensão escatológica, somente uma intervenção na história²⁷ é capaz de dar sentido ao

contradição que se adquire a experiência da historicidade do real, na linha de frente de batalha que separa o presente do futuro que foi prometido. A história, com suas extremas possibilidades e perigos, nos é revelada por meio do evento promissor da ressurreição e da cruz de Cristo. (. . .) O sentido que a teologia da esperança oferece ao homem inquieto não é a certeza tranquilizadora ou posse ilusória, e sim o desafio e confiança, luta e contemplação, vigilância e espera serena que já agora mudam o presente do homem". Cf. FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 312-315.

²⁴ Segundo Forte: "o futuro relativo é hoje projeto apresentado ao homem de várias muitas maneiras. Basta pensar na esperança marxista com a força imanente do futuro prometido. Todavia, o futuro relativo, enquanto projeto ser realizado, é um futuro que procede o presente. (. . .) É por isso que as ideologias do futuro relativo acabam sendo em suas realizações históricas repetições do passado, sem audácia e sem libertação". Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 30.

²⁵ Para Forte: "A ideologia acabou triunfando sobre a utopia, que ao lado da função crítica não teve condições de colocar uma esperança fundada no futuro absoluto. Além disso, por não sair da imanência histórica, o futuro absoluto continua sendo a interrogação sem resposta, que põe em discussão todo o humanismo, e denuncia o limite inelutável de todas as esperanças humanas. A finitude do homem é incapaz de fundar a esperança absoluta da homem. A certeza de um futuro absoluto, como futuro de bem, só pode vir de quem transcende a história, ainda que ingressado nela". Idem, p. 31.

²⁶ Segundo Moltmann: "O Evangelho tem seu tempo próprio. Seu Kairós é o "tempo presente" em que a ira de Deus se revela contra toda a impiedade e injustiça dos homens", em palavras de Paulo (Rm 1,18). As pessoas entram nessa tribulação escatológica, pois a morte universal sobrevém a sua injustiça ímpia, porque sua injustiça tem por conseqüência inevitável essa morte. Seu tempo se abrevia. O fim dos tempos se aproxima. No horizonte apocalíptico, no qual os homens caem no nada que eles preparam a si próprios e à natureza da terra, o Evangelho de Cristo traz ao mundo o poder salvífico de Deus, salvífico por ser o poder justificador, o poder de renascimento do Espírito vivificante, e o começo da nova criação. Neste contexto, pode-se pensar também na tribulação apocalíptica de todas as criaturas nos "sofrimentos do tempo presente" (Rm 8,18). (. . .) Por meio de renascimento, o Espírito conduz os homens entregues à morte, ao contato com a eterna fonte da vida e os coloca nos horizontes do renascimento da comunhão humana e do renascimento do cosmo". Cf. MOLTSMANN, Jürgen *O Caminho de Jesus Cristo*, p. 252-253.

²⁷ Boff sustenta que: "Deus poderia ter criado os homens na comunhão com Ele e assumi-los todos. Não precisaria do tempo. Poderia ter realizado tudo na eternidade, formando como que "o corpo de Deus". Mas não quis assim. Quis uma história longa, da liberdade humana, onde houvesse também a possibilidade da participação livre do homem ou de sua negação. Nessa história, Deus mesmo se inseriu. Ele quis a vocação transcendental e escatológica do homem. Mas colocou-a como termo de um longo e doloroso processo

futuro absoluto do homem, onde a ressurreição de Jesus torna-se uma “*demarché*” histórica. Para Bruno Forte, a ressurreição de Jesus é a certeza do futuro. Jesus morre abandonado, porque na hora da Cruz o Pai não pronunciou aquele sim no qual Jesus tinha empenhado sua missão: o Pai não testemunhou a seu favor (cf. *Jo* 8,18 e 5,32). Sendo que Jesus não morre desesperado, ele assumiu todas as esperanças do ser humano com a pesada obscuridade que as caracteriza, confiando no Pai: “*Pai, em tuas mãos eu te entrego meu espírito*” (Lc 23,46). No clamor e nas lágrimas, e na esperança do Filho do Homem, vibram as esperanças de todos os mortos e de todos os derrotados da história, sustenta Forte. O futuro que o Filho espera nos braços da Cruz é a ressurreição, isto é, o testemunho que o Pai lhe dá ao julgar o mundo. É a proclamação gloriosa de que o Pai aceitou o sacrifício do Filho, certeza de que a Cruz não foi um dos muitos sacrifícios, mas foi um sacrifício agradável, alude Bruno.

Portanto, à luz da esperança trinitária²⁸ de Deus, é necessário afirmar que a Trindade está presente para sustentar o empenho vigilante da esperança diante das obscuridades e dos fracassos. Assim, o Consolador faz que não naufraguem as esperanças de quem o acolhe, onde os cristãos testemunham a sua fé num futuro de esperanças colocadas como reserva escatológica, isto é, no mais amplo horizonte de todas as realizações humanas, conclui Forte.

De fato, a esperança da ressurreição se apresenta como a garantia da comunhão com Deus, e que, por sua vez, supera as “falsas esperanças” frente à *verdadeira esperança* que o Ressuscitado abriu para o horizonte da nossa história. Na tensão entre o “*já e o ainda não*”, entre realização e espera, a esperança sustenta o compromisso de entrar na glória do Deus que há de vir ao nosso encontro. Segundo Forte, o futuro do homem repleto de

histórico. Nesse processo, o homem foi convidado a participar do próprio ato criador de Deus. Quis que, de alguma forma, cada qual merecesse e conquistasse ser Deus-humanado ou homem-divinizado”. Cf. BOFF, Leonardo. *O Destino do Homem e do Mundo*, p. 30.

²⁸Segundo Congar: “Na existência histórica de Jesus, O Verbo e o Espírito se encontram indelevelmente unidos. Juntos, configuram a união hispostática de Deus com humanidade. Da Graça Incrriada, emerge a santificação do Cristo, processada em sucessivos pentecostes. Mergulhado no Espírito, Jesus abre-se crescentemente ao Pai em obediência filial, como servidor do Amor. Quando morto na Cruz, é assumido gloriosamente pelo Pai e constituído Senhor na dinâmica recriadora do Espírito. Herdada a plenitude da Vida, O Filho humanizado de Deus se assenhora do destino salvífico de toda a criação, podendo doravante intervir em todas as realidades e situações históricas pela mediação graciosa do Espírito”. Cf. NOGUEIRA, Luíz Eustáquio.. *O Espírito e o Verbo: As Duas Mãos do Pai*, p. 72.

dúvidas torna-se, na Ressurreição²⁹ de Cristo, uma certeza do bem que há de vir, porque nesse futuro se dirige o compromisso suplicante de quem crê e espera pelo mistério.

Assim, Forte também postula que a teologia do Ressuscitado não é menos necessária para os homens do nosso tempo do que a “*theologia crucis*”, que interpreta e alicerça a paixão do mundo na paixão de Cristo. Onde a paixão do mundo é a paixão daquele que assumiu o mundo, como também a ressurreição é o fundamento e a promessa da vindoura ressurreição do mundo.

Seguindo a trilha de nossa reflexão, abordaremos, a seguir, a relação de Jesus com o seu sofrimento.

4 Jesus, o Justo que sofre

A trajetória de vida do Nazareno é toda orientada para a cruz, sendo que os relatos evangélicos não são mais do que histórias da paixão, onde toda a sua vida está sob a escandalosa e dolorosa cruz, uma vida de dor e martírio. Pensando assim, Forte reflete que não se compreende a vida de Jesus sem a cruz, como também não se compreende a cruz sem o caminho que conduz para ela. Assim, a comunidade das origens pôde reconhecer em Jesus “*o homem das dores*” de quem falou o profeta³⁰ (cf. *Is* 53,3). Jesus é o

²⁹ Para Moltmann: "Todos os títulos de Cristo, com os quais as comunidades cristãs primitivas expressaram sua fé em Jesus, têm sua razão teológica no evento pascal: se Deus o ressuscitou dentre os mortos, então é o "Filho de Deus" (Rm 1,4), o Cristo, que redimirá Israel (Lc 24,21.26), o "Senhor" do reino universal de Deus (RM 15,9). Conquanto o evento da ressurreição é um evento escatológico, O Ressurrecto não pode ser isso apenas a partir do momento de sua ressurreição, mas deverá tê-lo sido também em seu sofrimento e morte na cruz, em sua proclamação e atuação, em toda a sua vida desde o começo. Ressuscitamento é um agir escatológico de Deus no morto Jesus, e nesse sentido coloca algo novo; mas também revela Jesus terreno em sua verdade. Esse agir de Deus confirma e cumpre sua filiação divina. (. . .) Se quiséssemos fixar-nos somente na confirmação, então "ressurreição" seria apenas uma categoria interpretativa teológica para sua morte e restaria apenas uma teologia da cruz. E se nos fixássemos apenas no cumprimento, então o Cristo pascal substituiria e suprimiria o Jesus crucificado. Se, no entanto, o Jesus terreno é o "Messias a caminho" e o Filho de Deus no processo de aprendizagem, como mostramos acima, então a Páscoa confirma e cumpre essa história de Jesus aberta para o futuro. Compreendendo-se porém, a ressurreição como acontecimento escatológico de Jesus, então ela é o começo da nova criação de todas as coisas. Por isso esse cumprimento surpreendente da pretensão messiânica de Jesus supera a confirmação de sua verdade histórica". Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo*, p. 234-235.

³⁰ "Cristo sofreu por vós... ele não cometeu nenhum pecado; nenhuma mentira foi achada em sua boca. Quando injuriado, não revidava; ao sofrer, não ameaçava; Sobre o madeiro, levou os nossos pecados em seu próprio corpo. . . Por suas feridas fostes curados. . ." (1Pd 2, 21-25; *Is* 53, 5-6. 9. 12). Aquele que "sofreu na carne" (1 Pd 4,1) "morreu justo pelos injustos" 93,18) (. . .). Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 277.

Servo Inocente que sofre por amor sob o peso da injustiça do mundo. Para Forte, os evangelhos são muito discretos sobre as obras de Jesus, pois seus testemunhos nada possuem de emotivo, ou seja, não escondem os aspectos humanos de Jesus, como a sua fome (cf. *Mt* 4,2), sua sede (Cf. *Jo* 19,28), seu sono (cf. *Mc* 5,38), mas aludem sua familiaridade com a dor. Sobre o fundo das narrações se revela ainda seu grito na cruz: “*Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?*” (*Mc* 15,34).

A obscuridade e a tentação sempre chocaram-se na profundidade do espírito com sua dedicação ao Pai, ao sim que levou Jesus à morte: “*Abbá, Pai! Tudo te é possível, afasta de mim este cálice!*” (*Mc* 14,36). Segundo Forte, a experiência interior abre Jesus à compreensão real do sofrimento humano, revelando uma sensibilidade diante da dor alheia, que é própria apenas de quem faz a experiência da dor. O Sofredor, que compreende e ama, dá forças a quem está oprimido pelo sofrimento: “*Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei o descanso*”³¹ (*Mt* 11,28). Também a experiência interior e a compaixão que dela deriva para com o sofrimento alheio devem incluir na vida de Jesus o impacto da dor, que lhe é provocada pelos homens. Para Forte, os motivos da hostilidade contra Jesus tem seu fundamento, porque sua pretensão os irritava (*Jo* 7,15) e sua popularidade os espantava (cf. *Mc* 11,18). Jesus discute com a palavra e com a vida, põe em risco a ordem existente, dando seu sim de fidelidade ao Pai.

O seu *sim* ao Pai vai pôr à prova uma opção que marcará uma virada na sua vida, a viagem para Jerusalém³². Com a sua ida para Jerusalém, entra-se em cheio na história da paixão porque Jesus dirige-se para lá decidido (*Lc* 9,51), caminhando diante dos seus discípulos que o seguiam desconcertados (*Mc* 10,32). Ou seja, o Nazareno tinha consciência do que estava para acontecer, sustenta Forte, mas enfrenta a realidade da dor de maneira voluntária, vivida em pleno amor ao Pai, provada no relato da

³¹ Idem, p. 278.

³² “A cidade do grande Rei (*Mt* 5,35) é o lugar onde todos os destinos de Israel e dos seus profetas devem consumir-se (cf. 13,33). Jesus prevê e aguarda em Jerusalém como consequência do radicalismo de sua vida e da sua mensagem (cf. o conteúdo histórico dos vaticínios da paixão: *Mc* 8,31; 10,33-34, e par.). A rejeição sofrida na Galiléia, bem mais profunda do que fáceis entusiasmos da multidão, permitiu-lhe tematizar sem sombra de dúvida que deverá beber até o fim o cálice do justo. Neste sentido, é a “crise” que perpassa toda a “primavera galiléia” que o leva a Jerusalém: ela é uma dolorosa experiência de finitude, mas assumida no claro impulso de doação ao Pai e de fé na vitória da justiça e do amor. Será essa opção de obediência total, mais forte do que qualquer derrota, que o levará ao encontro com a cruz”. Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 280.

Última Ceia, na qual o Servo confia o memorial da Nova Aliança com seu sangue. Contudo, Jesus não teve a mesma pena dos blasfemos (cf. *Lv* 24,17). Ele teve a pena dos escravos desertores e conspiradores contra o império, a morte de cruz. Para Forte:

a sua condenação foi, no final, política, como atesta o “titulus crucis”, a tabuleta com a motivação da condenação colocada sobre o lenho da vergonha: “Jesus Nazareno Rei dos Judeus” (*Jo* 19,19). A sua morte, então, pode definir-se como um assassinio judiciário, de significado político-religioso³³.

No hoje da história, a sexta-feira santa é para a Lei o dia que morreu o injuriador, e para o poder, o dia em que morreu o subversivo, sendo que a fé cristã reconheceu nele o dia em que, no Justo que morreu, Deus deu sua vida por nós, conclui Forte.

Passemos a examinar com mais detalhe a questão da Cruz do Servo de Javé.

5 A Cruz do Servo de Javé

Traçar uma teologia da cruz quer dizer experimentar a cruz da teologia. *Theologia crucis*, *Theologia crucifixa*. O caminho da cruz, que queira evitar os riscos de um simbolismo, não pode senão narrar criticamente o caminho de Jesus para a morte, traçando assim uma cristologia que narra a paixão e morte do Filho de Deus. Segundo Forte, por amor consciente Jesus foi ao encontro da morte numa entrega total³⁴. Ele acolheu a dor e o amor do beijo de Judas (cf. *Lc* 22,48), sendo levado aos anciãos que o entregaram ao Procurador Pilatos (cf. *Mc* 15,1). Diante da traição, Jesus não cessou de dar testemunho da verdade, mesmo diante Pilatos (cf. *Mc* 15,5). Forte diz que, “o Filho do Homem 'entrega-se' a seu Pai! O abandonado pelos homens é, na realidade, aquele que se abandona³⁵”. Os evangelhos se mostram discretos, como ato do

³³ Idem, p. 281.

³⁴ A história da paixão aparece então como a consumação suprema da entrega de Jesus ao pai por nosso amor: na luz trinitária revelada plenamente na Páscoa, mas já presente na relação filial única e exclusiva do Nazareno com Deus, ela é a história do Filho na carne, o seu caminho para a alteridade, ao encontro da morte do despojamento incondicional de si para dar-se ao Pai e levar-nos consigo na sua vida. A agonia da cruz é a revelação, no tempo da finitude, do eterno, infinito Dom de si do Filho ao Pai, selado pela “entrega” do Espírito, que traduz na carne da nossa história o movimento da doação a Deus: “E inclinando a cabeça entregou o Espírito (*Jo* 19,30). A cruz é história do Filho: no abandono supremo da morte” (. . .). Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 284.

³⁵ Ibid.

supremo dom de si por nós (cf. *Gl* 2,20; 1,4; *Ef* 5,2.25). O sinal na verdade mais doloroso, experimentado por Jesus na hora da cruz, é o abandono do Pai, grito transmitido pelos evangelistas³⁶ Marcos e Mateus: “*Meus Deus, meu Deus por que me abandonaste?*” (*Mc* 15,34; *Mt* 27,46), grito que parece contradizer todos momentos da paixão, que de entrega chega à entrega total do crucificado demonstrada numa dificuldade de interpretação³⁷.

Para Forte, a cruz do Filho separa Deus de Deus, sendo que algumas expressões parecem assumir a história da dor e da morte na história trinitária de Deus: a Trindade aparece como uma história incompleta, que vai se construindo através da imanência do Filho na história mediante o Espírito, lembrando o sentido abissal do que separa a terra e o céu, a “*paixão do homem*” e a “*paixão de Deus*”, havendo a mesma diferença que existe entre a finitude terrena e o infinito divino. Assim, a história terrena não pode identificar-se com a divina, não podendo pensar-se que o Pai tenha ficado indiferente na hora da cruz do Filho. “Não há um mal no universo, com relação ao qual seja mais difícil admitir a apatia de Deus, do que o pathos de Cristo crucificado³⁸”, assevera Forte.

³⁶ Segundo Forte: “Nos textos de Marcos e Mateus, o Crucificado se dirige a Deus como o apelativo de Eli: Não é a invocação cálida e afetuosa que seria expressa pelo termo *Abbá*, “pai”, mas o nome divino, pronunciado com temor e tremor. A este Deus soberano o agonizante pergunta “por quê?” (em grego, “para que fim?”). A pergunta é carregada do tormento que atravessa o sofrimento, o pesar de não compreender o seu sentido. A interrogação nasce da experiência do abandono real, da ausência e do silêncio daquele cuja presença, na hora da cruz, o Nazareno mais teria esperado e desejado. Este sentir-se abandonado de Jesus, ferido em sua consciência filial, está nos antípodas da mentalidade salmista, para o qual o justo tem direito à proteção de Deus: o Crucificado é o mais desolado dos desolados da terra! Mas, ao doloroso abandono, ele responde coma oferta: é o abandonado, não o desesperado! As palavras relatadas por Lucas deixam transparecer esta outra dimensão da dor do Crucificado: Jesus se dirige a Deus com o doce nome de “Pai”; o “por que” se torna o grito confiante “em tuas mãos”. A experiência do abandono por parte do pai se converte em abandono de si em seus braços. (. . .) Entregando o Espírito ao Pai (*Jo* 19,30), em obediência a ele, o Crucificado entra em solidariedade com o sem-Deus, isto é, com todos aqueles que, por culpa deles, foram privados do Espírito e de experimentarem o exílio da pátria sem amor”. Cf. FORTE, Bruno. *Introdução à Fé*, p. 53-54.

³⁷ Forte alude que “a exegese tradicional - fundando-se no fato de que a frase constitui o início do Salmo 22, oração de confiança em Deus na provação - viu no grito de Jesus abandonado a expressão da sua confiança incondicional no Pai. Mas nessa hipótese, não se compreende por que os evangelistas com as mesmas palavras de Lucas (23,46), estão em consonância com o motivo dominante da “entrega”. Além disso, vale a observação de que, quando o Nazareno assume uma categoria ou uma expressão do Antigo Testamento, sempre lhe dá um cunho próprio: “Mais do que interpretar o grito de Jesus no sentido do Salmo 22, será preciso interpretar as palavras do Salmo no sentido da situação de Jesus. Os relatos evangélicos da paixão ocultam com uma descrição profunda esse sentido” isso explica porque a maioria dos intérpretes tenha se recusado a reconhecer nessas palavras uma experiência real do abandono do crucificado por parte de Deus”. Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 285.

³⁸ Idem, p. 286.

Conseqüentemente, o sofrimento³⁹ mais profundo do Crucificado não está nos pregos, mas o seu verdadeiro sofrimento está no fato de experimentar o abandono do Pai⁴⁰, porque Jesus viveu toda a sua vida em profunda comunhão com Ele, uma opção de sua liberdade incondicional. Forte reflete que na cruz esta comunhão parece ter acabado, porque Deus está distante, o que é expresso na pergunta “*por que me abandonaste?*”, interrogação de todos os sofridos e humilhados da terra ante a obscuridade da dor e do abandono. Assim, esta resposta permanece em grande parte no silêncio de Deus (cf. *1 Cor 2,10*), onde, na Páscoa, adquire um significado salvífico. Portanto, a dor revela o amor, e o abismo da dor revela a perfeição do amor, que também revela o coração do Deus trinitário. Segundo Forte, a expressão pós-pascal, que apresenta Jesus como o *Filho de Deus* (cf. *Mt 15,39*), tem o intento de sublinhar a cruz para os não não-judeus, significando que um pagão reconheceu o rosto de Deus no sofrimento e na morte do crucificado, evidenciando que, no Filho do Homem que está na cruz, se revelou o Filho de Deus em exílio de si por amor ao mundo.

Desta perspectiva, constatamos que a cruz justifica a audácia de pronunciar a palavra de escândalo: *Deus sofre*. Doutro modo, a cruz é a revelação “*sub contrario*”⁴¹ do ser trinitário de Deus, entre Deus em si e entre Deus revelado, sendo que a

³⁹ Sobre a dor de Jesus, Forte afirma que “na Cruz se oferece e sofre primariamente o Filho de Deus, como diziam os concílios da Igreja antiga: “Deus passus est” - “Unus de Trinitate passus est”. Agostinho afirmava: “Deus crucifixus”, “Deus foi crucificado”. (. . .) A Cruz é loucura do amor do Filho, a declaração do amor, pelo qual ele se entregou à morte por nós. O filho de Deus não veio “a passeio” entre os homens: Ele se tornou o companheiro de nossa dor, partilhou a nossa fadiga do amor. (. . .) A Cruz é a história do Filho eterno que, sofrendo, revelou o seu amor infinito (. . .) que se fez humilde, pobre, crucificado, abandonado na dor infinita da Cruz!”. Cf. FORTE, Bruno. *Trindade para Ateus*, pp. 54-55.

⁴⁰ Para Forte: “O abandono do Pai e a conseqüente infinita dor do Filho se oferecem, antes de tudo, como a revelação “sub contrario” da insondável unidade que liga um ao outro. Jesus sofre de maneira única e irrepitível porque experimenta a solidão com relação Àquele com o qual é verdadeiramente um no amor. A cruz é “absconditas Deu sub contrario” (Lutero): na profundidade do sofrimento de sua separação, o Pai e o Filho revelam ao mundo a sua unidade divina. Diante de Jesus que morre na cruz na dor do abandono do Pai poder-se-ia dizer: “Vede como o amava!” (cf. Jo 11,36). Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 288.

⁴¹ Segundo Forte: “Essa revelação “sub contrario” é, ao mesmo tempo, julgamento e salvação do mundo: aqui entrevemos a outra direção, segundo a qual se pode pensar o que aconteceu na Sexta-feira santa. Através da cruz o Deus cristão imobiliza sob o seu implacável “não” o mal no mundo, e pronuncia o “sim” libertador sobre que o acolhe o Dom. A “entrega” de Jesus à morte por parte dos homens parecia ter sido a vítima do negativo, o triunfo do “império das trevas”; mas a “auto-entrega” do Nazareno, o seu existir para os outros repele o mistério da iniquidade. A sua obediência incondicional ao Pai, a sua fé inabalável e a sua esperança invencível, já constituem o julgamento do príncipe deste mundo”. Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 290.

Trindade imanente e a Trindade transcendente na paixão possuem uma relação de identidade, uma relação que será manifestada na Páscoa. O dia em que Deus morreu nos remete ao dia do Deus vivo, a uma história de Deus, postula Forte, pois a dor da entrega faz pressentir a alegria da doação das Três Pessoas, onde a humildade de Jesus deixa transparecer a liberdade do Deus trinitário. Portanto, a cruz é a expressão finita do acontecimento da vida infinita desenvolvida no seio de Deus. Ela é a porta que abre aos homens o mundo de Deus, é a porta para os Humildes! Jesus bebe até o extremo o cálice do sofrimento humano, e no entanto bebe de maneira singular, porque não é esmagado pela dor, nem sofre passivamente o futuro obscuro e dilacerante da morte. Ele assume, no abandono do Pai uma esperança de amor mais forte do que a dor.

Para Forte, o sofrimento de Jesus não é passivo, mas livremente escolhido por amor e, por isso, libertador. Neste sentido, ele julga o pecado do mundo e oferece o testemunho do amor que salva a dor do negativo, assumida no amor e na fé do crucificado, em solidariedade com o sofrimento do mundo, tornando-se possibilidade de salvação. Desse modo, “a história dos sofrimentos do mundo pode converter-se, com Jesus que por amor se fez solidário até o fim conosco e com a nossa dor, na história da dor que vence a morte⁴²”, assinala Forte. A teologia cristã elaborou, ao longo dos séculos, algumas interpretações do mistério salvífico. Uma primeira interpretação tem na morte de Cristo o sacrifício de *Redenção*⁴³ para a humanidade, e a outra vê, na sua morte, a realização de uma *Satisfação*⁴⁴ da justiça, tese sistematizada por

⁴² Ibid.

⁴³ “Longe de ser uma iniciativa humana, o sacrifício que reconcilia é Dom do alto: é Deus que estabelece a nova e eterna aliança no sangue do Crucificado e “expia” os pecados dos homens, perdoados e oferecendo-se a eles. (. . .) Este primado divino deve ser levado em consideração também no emprego das categorias de redenção e de resgate: o tema veterotestamentário de Iahweh defensor (goel) e libertador de seu povo (cf. Ex 6,6-7) faz compreender que o resgate é obra de Deus e não do homem, a fim de realizar a libertação do pecado e da morte, e estabelecer a nova aliança (. . .). Redenção, portanto, significa libertação do homem realizada não por um poder deste mundo, mesmo que esse poder fosse o mais alto e o maior, mas pela gratuita iniciativa do amor do Pai que oferece como Dom a vida do Filho único”. Idem. p. 292.

⁴⁴ No século XI, numa obra intitulada *Cur Deus Homo* (Por que Deus se fez Homem), Anselmo de Cantuária introduziu a teoria da satisfação. Como a morte de Cristo salva? Para Anselmo o pecado quebra a ordem do universo, a bela harmonia de todas as coisas que constitui a honra de Deus criador. Além disso, como ofensa contra o Deus infinito, o pecado tem uma qualidade infinita. Como os seres humanos são os originadores do pecado, são eles que devem restaurar a ordem do universo e, além disso, devem compensar a Deus pela ofensa contra ele. Mas por causa da qualidade infinita dessa ofensa, os seres humanos não podem fazê-lo. Portanto, assim, raciocina Anselmo, é necessário um homem-Deus, que como Deus pode fazer o que deveria fazer como

Anselmo de Cantuária. Sendo assim, qualquer que seja a leitura do mistério, deve-se reconhecer no amor trinitário o motivo da “*entrega*”⁴⁵ de Jesus por nós, onde o Deus trinitário morre na cruz não para satisfazer a uma simples ordem de valores. Ou seja, Jesus entrega-se unicamente por amor, demonstrando-nos a sua gratuidade, assinala Forte.

Portanto, a “*entrega*” é o supremo inclinar-se da Trindade para o homem, sinal de um total despojamento infinito de amor por nós, onde Deus morre para doar-se (cf. *1 Cor 15,26*). Assim, a dor da cruz é a quênose do amor trinitário de Deus, aniquilamento de si, que é dom de si. Forte alude que,

por meio de Jesus moribundo foi vencido, a favor de todos os homens o abandono divino na morte: ninguém, doravante, sofrerá sozinho e sem esperança a própria morte; funda-se na comunhão com Jesus a esperança da participação pessoal na nova vida futura, que já apareceu em Jesus e que consiste na comunhão com Deus⁴⁶.

Dessa forma, a agonia da cruz liberta os homens da escravidão, escandalizando e eliminando toda Lei de medo e de pecado (cf. *Gl 5,11*). No inocente que morre, são as Potestades que morrem: os pregos do crucificado pregam os crucificadores (cf. *Cl 2,14-15*), a morte é absorvida na vitória. Para Forte, tudo

homem. (. . .). Para Anselmo a morte é resultado do pecado. Como toda a raça humana só Jesus é sem pecado, não precisava morrer. Portanto, o que Jesus pode oferecer a Deus que ele já não deve a Deus é a sua morte, e como Jesus é o homem-Deus, sua morte tem o valor infinito necessário para compensar o peso infinito do pecado. Oferecendo livremente a sua vida a Deus, Jesus dá satisfação pelo pecado". Cf. LOEWE, William. *Introdução à Cristologia*, p. 213.

⁴⁵ Para Moltmann: "A *Teologia da entrega* é mal compreendida e pervertida em seu contrário quando não é compreendida com a *teologia da dor de Deus e do sofrimento divino*. A expressão joanina e paulina "entregue", evidentemente expressa somente um aspecto desse processo. O outro aspecto é designado pela palavra "amor" e "compaixão". O que é na verdade a "entrega" divina depreende-se melhor na via da paixão de Jesus Cristo: O rei messiânico de Israel anda a caminho para a cruz romana sem resistência. O Filho denuncia a sua divindade e trilha o caminho de um pobre escravo até a morte na cruz. Com vistas ao poder e majestade divinos, isso é um caminho do esvaziamento. Com vistas à solidariedade com os fracos e pobres assim realizada, isso é o caminho do essencial amor divino. Se nos ativermos ao fato de que Jesus é o Messias e o Filho de Deus até sua morte na cruz, então ele trouxe esperança messiânica e a comunhão de Deus a todos que são obrigados a viver à sombra da cruz, destituídos de seus direitos e aos injustos. Na entrega de Deus reside um sofrimento ativo (At 2,23) pelo desígnio de Deus. No entanto, Deus não provoca os sofrimentos de Cristo, e Cristo não é uma vítima passiva de sofrimentos. Por meio de sua entrega, Deus vai em busca de suas criaturas perdidas e ocupa-se com seu abandono, e lhes traz sua comunhão imperdível". Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo*, p. 243-244

⁴⁶ Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 294.

resplandece na luz do evento pascal, porque fica impossível pensar a cruz⁴⁷ e seu mistério sem olhar para a Ressurreição. Assim, a Ressurreição não é senão a contradição da cruz que nos mostra a figura do ressuscitado e nos coloca com ele na sua caminhada.

Isto significa que, se Jesus ressuscitou, a última palavra da história não é a dor, mas é a alegria da justiça e da vida. Dessa forma, a extensão da contradição do ressuscitado a todas as cruces da história será a alternativa por um futuro que nos garante que a Ressurreição após a cruz, nos garante que as sextas-feiras santas de sofrimentos, chegarão a uma Páscoa final, onde irão se cumprir todas as promessas de Deus. Portanto, para Forte, “o futuro do homem é o seu futuro, porque o tempo do homem já é o tempo do seu Espírito⁴⁸”.

Passemos agora a examinar, o seguimento do crucificado.

6 O seguimento do crucificado

Os traços do rosto trinitário de Deus, revelados na paixão e morte de Cristo, nos chamam a uma liberdade para o seu seguimento. Sendo assim, para Bruno Forte, a cruz é o lugar em que Deus fala no silêncio do amor. O seu mistério nas trevas da cruz é o mistério da dor de Deus e de seu amor. O Deus de Jesus Cristo sofre porque ama, e ama enquanto sofre. É o Deus compassivo, porque é o Deus por nós na doação da vida. Morrendo na cruz, o Filho adentrou no fim do homem, desde a sua solidão à sua obscuridade. Também Deus-Pai, conheceu a dor na hora da cruz, porque também o Pai fez a sua história. Deus-Pai sofreu pelo inocente entregue à morte para que, na humildade e na cruz, se revelasse aos homens como amor trinitário⁴⁹ de Deus por eles,

⁴⁷ “A cruz permanece uma questão aberta: o “não” dos representantes da Lei e do poder, triunfo da iniquidade, só será aniquilado pelo “não” que Deus lhes diz ressuscitando o Crucificado; a “entrega” que o Filho faz do seu espírito ao Pai apela para outra “entrega”, a do Espírito, que o Pai lhe será dado no dia da ressurreição dos mortos; a dolorosa “entrega” do Pai, por fim, dilaceração do coração trinitário de Deus por amor ao mundo, espera ser superada na reconciliação realizada, que no Espírito que une o Filho, e nele o mundo, ao Pai. Idem, p. 296.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Forte diz : "E o Espírito, "entregue" ao Pai por Jesus moribundo, não esteve menos presente na ocultação daquela hora: o Espírito do silêncio extremo, ele foi o espaço divino da dilaceração dolorosa e amorosa, que se realizou entre o Senhor do céu e da terra e Aquele que se faz pecado por nós, de modo que se abrisse uma passagem no abismo e aparecesse o caminho do Pobre. (. . .) O amor trinitário que une o Abandonante ao Abandonado, e estes ao mundo, vencerá a morte, apesar do seu aparente triunfo. A surpreendente identidade do crucificado com o Ressuscitado mostra abertamente o que na hora da cruz se revelou "sub contrario" e garante que aquele sim é um novo início: o cálice da paixão de Deus encheu-se com uma bebida de vida, que

assinala Forte.

Para Forte, Deus morreu, mas foi oferecido a todos com seu mistério. O Pai, que acolhendo na Glória o Abandonado na cruz, também nos acolhe com Ele, posto, que no evento pascal⁵⁰, o Crucificado é derramado sobre todos os crucificados, para revelar a sua humildade⁵¹ nas cruzes da história. Eis a participação transformadora do Deus cristão! Conseqüentemente, na vida do homem pode ser vista a cruz trinitária, sendo que, pelo sofrimento, torna-se possível abrir-se ao Deus presente que se oferece conosco, transformando a dor em amor, o seu sofrimento em oferecimento. Assim, o Espírito do Crucificado realiza o milagre desta revelação salvífica, que proclama a história dos perdedores, confundindo a história dos vencedores, ressalta Forte. "A quênose do Espírito nas trevas do tempo dos homens não é mais do que fruto da quênose do Verbo na história da paixão e morte de Jesus de Nazaré, a extrema consequência do maior amor, que venceu e vencerá a morte⁵²".

Também para Bruno Forte, a Igreja e os discípulos se constituem no povo que segue e vive sob a cruz, pois são precedidos por Cristo no abismo da provação e sabem que devem viver no sinal da cruz e nas obras de sua caminhada. Dessa maneira, a Igreja sob a cruz⁵³ e o povo com Cristo no seu Espírito⁵⁴

brotar e jorrar para sempre" (Jo 7, 37-39). Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 297.

⁵⁰ "O evento da páscoa revela a história do Espírito, foi nele que o Filho se ofereceu ao Pai na hora da cruz (cf. Hb 9,14), quando, na sua suprema consumação do amor "entregou o Espírito" (Jo 19,30); nele é que o Pai deu a plenitude de vida ao Crucificado, ressuscitando-o e reconciliando consigo o mundo no Ressuscitado (cf. por exemplo Rm 1,4). Estas duas funções do Espírito, abrir o mundo de Deus ao mundo dos homens até tornar possível o ingresso do Filho no exílio dos pecadores, e unificar o dividido, como é na hora da reconciliação pascal, se encontram em toda a história da salvação. O espírito (ruach) é, já, no Antigo Testamento, princípio de vida, que franquia o acesso ao novo e faz a unidade do processo vital vindo, como vem, do Deus vivo" (cf. Gn 1,2; Sl 33,6 e 104,19s; Sb 1, 7; 7, 22-8,1). Cf. FORTE, Bruno. *A Trindade como História*, p. 112.

⁵¹ "A palavra da Cruz (1 Cor 1,18) demonstra que é na pobreza, na fraqueza, na dor e na reprovação do mundo que encontramos a Deus; não são os esplendores das perfeições terrenas, mas precisamente o seu contrário, a pequenez e a ignomínia, que se tornarão o lugar da sua presença, o deserto onde ele fala ao nosso coração e onde primariamente toda teologia, que se queira dizer cristã, deverá procurar dialeticamente ("sub contrario") a sua face. A perfeição do Deus cristão manifesta-se nas imperfeições que ele assume por nosso amor: a finitude do sofrimento, a dilaceração da morte, a fraqueza da pobreza, o cansaço e a obscuridade do amanhã são os inúmeros lugares onde ele mostra o seu amor, perfeito até a consumação total do dom". Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 298.

⁵² Idem, p. 299.

⁵³ Para Forte: "Uma Igreja sob a cruz quer dizer também uma comunidade fecunda na dor dos seus membros: o seguimento do Nazareno, fonte de vida que vence a morte, exige que se percorra com ele o caminho obscuro da paixão: "Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua

se esforçam para caminhar dolorosamente no amor e a estarem a serviço dos mais necessitados. Até são capazes de refutarem a sabedoria deste mundo! Farão isto se conseguirem carregar a mais pesada de todas as cruzes, para a qual o Pai chama à solidariedade⁵⁵ com todos os que sofrem (cf. *1 Cr* 15,26), na comunhão com Cristo companheiro do sofrimento humano, e, com Deus-Pai, que valoriza toda dor.

A Igreja torna-se assim, por sua própria fome e sede do novo mundo⁵⁶ de Deus, um povo que ajuda a carregar a cruz e que combate todas as cruzes de todos os sofredores. Apresenta-se como uma alternativa corajosa⁵⁷ em relação ao presente, carregado de

vida, vai perdê-la; mas, o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, vai salvá-la". (Mc 8,34-35 e par.). Ibid.

⁵⁴ "As missões do Verbo e do Espírito têm, por escopo fundamental, a edificação e plenificação da comunidade humana de salvação. O homem novo, nascido do Pentecostes, constituído à imagem do Filho de Deus, é gerado na Igreja, como igreja, para a Igreja. Em consonância com Cristo, o Espírito apropria à humanidade o elã da "unipluralidade" divina, movendo-a, na liberdade, para a vida da comunhão. Recapitulando o gênero humano, eclesialmente, em Cristo, o Pneuma anima e sustenta o Povo de Deus, Corpo uno do Cristo glorioso, templo vivo de sua Graça". Cf. NOGUEIRA, Luíz Eustáquio. *O Espírito e o Verbo: As Duas Mãos do Pai*, p. 151.

⁵⁵ "A "via crucis" da fidelidade é feita pela luta interior e pelas angústias silenciosas dos momentos e provação, de solidão e de dúvida, e é sustentada pela oração perseverante e tenaz da pobreza que espera a misericórdia do Pai. É a mesma "via crucis" da fidelidade de Jesus, com a diferença de que ele percorreu sozinho, ao passo que nós somos precedidos e acompanhados por ele! A cruz da perseguição é, ao invés, a consequência do amor pela justiça e da relativização de todo absoluto terreno, por parte dos discípulos crucificados: sua esperança no reino que vem os tornar subversivos e críticos diante das miopias de todos os vencedores e dominadores da história". Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 300.

⁵⁶ "Em relação à laicidade vem ocorrendo um resgate da laicidade no âmbito da eclesiologia. Na relação Igreja-mundo, isto significa o desenvolvimento da teologia da realidade terrestre (. . .) Renunciava-se a ver a Igreja e o mundo como dois pólos separados, mais ou menos concorrentes um em relação ao outro. Afirmava-se a exigência de uma Igreja presente à realidade do mundo como sal e fermento, reconhecendo o valor próprio e positivo da realidade. Da atitude integrista, pela qual o mundo não podia ser mais que um mero destinatário do anúncio e do julgamento do Evangelho, passava-se ao diálogo, no qual a Igreja se põe não só como aquela que ensina, mas também como aquela que ouve e aprende. O fundamento teológico dessa nova relação provém da dimensão crística de tudo o que é criado ("Tudo foi criado por meio de Cristo e em vista dele", Cl 1,16) e da dimensão cósmica da encarnação (se "tudo o que não for assumido também não será salvo", tudo foi assumido para ser salvo). O mundo, reconhecido como lugar do Evangelho, torna-se parceiro no diálogo de salvação". Cf. FORTE, Bruno. *A Igreja Ícone da Trindade*, p. 41.

⁵⁷ "Em nome da meta e da esperança maior, a Igreja será subversiva e crítica de todas as realizações humanas de curto alcance deste mundo. Presente a todas as situações humanas, solidária com o pobre e oprimido, não será lícito identificar a esperança que a move com uma das esperanças da história. Isto significa, porém, falta de empenho ou crítica gratuita: a vigilância que se pede do povo de Deus é exigente e árdua. Trata-se de assumir as esperanças humanas e de, ao mesmo tempo, verificar a sua verdade, tendo como comparação a ressurreição do Senhor, que, por um lado, apóia todo empenho autêntico pela libertação e promoção humana e, de outro, contesta toda a absolutização de metas terrenas. Neste duplice sentido, a esperança eclesial, esperança da ressurreição,

sofrimento. Isto porque, segundo Bruno Forte, “quem ama o Crucificado e o segue, não pode deixar de sentir-se chamado a amenizar a cruz de todos os que sofrem e a eliminar as causas iníquas do sofrimento com a palavra e a vida⁵⁸”. Assim, a cruz da libertação do pecado exige a libertação de todas as cruces de pecado: a “*imitatio Christi crucifixi*” nunca poderá ser uma aceitação do mal. Pelo contrário, deverá ser uma dedicação à causa do Reino de vida e de justiça, traduzida na compaixão com os homens da história. Desse modo, insiste Forte, a Igreja achará sua real identidade no fato de se colocar a serviço dos outros, para ficar na mesma dignidade dos seguidores de Jesus pelo amor.

Segundo Forte, quer para o discípulo esmagado pelo peso da cruz e pelo seu seguimento, quer para a Igreja, é colocada uma palavra de promessa manifestada na ressurreição, contradição de todas as cruces da história, palavra de consolação que já sustentou a dor e a morte, onde naquele que se esforça para viver a cruz de Jesus, se manifestará a vitória do Servo que venceu o mundo (cf. Jo 16,33).

CONCLUSÃO

Depois de analisarmos a realidade do sofrimento presente na Bíblia, mais precisamente na reflexão realizada por Bruno Forte e de alguns teólogos, ainda possa haver espaço para alguns questionamentos. Entre eles, qual é o sentido de falar de Cristo e de sua cruz hoje? Esta é uma pergunta radical, que no mundo secularizado, o cristão é desafiado a refletir unido a sua fé. De fato, dentro das estruturas do nosso mundo está o homem, o qual se interroga sobre o sentido do discurso cristão. A interrogação é também parte do seu íntimo, de sua experiência de amar e de sofrer, de uma abertura para o futuro e para o escândalo da dor. Nela emergem as provocações para sua fé no Deus crucificado. Assim, Bruno Forte pensa que é importante redescobrir a presença do Deus vivo, que não é um mero concorrente do homem, mas sim, que está a seu lado, pregado na cruz do mundo.

Para Bruno Forte, é necessário falar sempre da esperança, sobretudo da esperança na Ressurreição, que traz em si a força da libertação, de plena intervenção de Deus no tempo dos homens, do

é a ressurreição da esperança, que dá vida a todos os prisioneiros da morte e destrói implacavelmente todas as idolatrias. (. . .) Em nome da sua "reserva escatológica", a Igreja não se pode identificar com nenhuma ideologia ou facção partidária ou sistema. Deve saber ser a consciência crítica de todos, apelo às origens e à destinação final, estímulo que em todos se desenvolva o homem todo e todo homem". Idem, p. 68.

⁵⁸ Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 301.

Deus que nos liberta, nos introduzindo-nos no seu Reino de amor. Para ele, é necessário mostrar que todo poder e toda novidade do Espírito do Ressuscitado se abrem para uma história aberta, para um futuro em que a Nova Criação e o Homem Novo se expressem numa nova solidariedade entre a humanidade. Ou seja, é preciso dar à cruz um sentido para o aparente sem-sentido. Isso só mesmo pela Ressurreição, máxima reconciliação entre Deus e sua nova humanidade. Da mesma maneira, Forte conclui que a palavra da cruz se revela também numa finitude da palavra. Sendo assim, nenhuma palavra jamais consegue a tradução de uma violência vivida pelo tormento da negação, experiência realizada na própria carne da finitude humana, que é falar da cruz. Onde de fato falar da cruz, do sofrimento e da sua obscuridade exigem um considerável respeito a esta condição.

Na verdade, Deus não o encontramos em experiências limitadas, mas no limite de toda experiência, onde começamos a ter sede de uma palavra que, rompida no silêncio da morte, é sustentada pela esperança, no hoje da nossa história. Para Forte, os cristãos sentem que podem propor o dia de seu Deus Crucificado e Ressurrecto, porque na secularização deste mundo, eles sentem, na fidelidade ao presente, que podem anunciar uma nova pátria, um outro destino e uma nova esperança! Dessa forma, Forte continua a sustentar, para que não se perca de vista, o horizonte da palavra da Cruz e da Ressurreição, porque elas trazem em si, a manifestação plena da intervenção de Deus na história.

A cruz também sempre será um constante desafio em carregá-la, como diz o teólogo J. B. Metz: *a onipotência de Deus está em poder suportar tudo, e não em evitar tudo*. Talvez possamos, em nossa caminhada cristã, suportar as nossas cruces, não somente sabendo interrogá-las quanto ao seu significado, como aceitando carregá-las com o amor com que Jesus Cristo carregou a sua cruz. Espiritualmente, a finitude da cruz posta por Forte nos alude também à coragem do seu anúncio, bem como proclamar uma teologia que encontre sua realização ajoelhada aos pés do crucificado. Neste ponto, asseveramos que tanto a cruz como a ressurreição são expressões do amor salvífico de Deus para com os homens, onde o Filho se oferece em favor de muitos.

Contemplando dimensão escatológica, percebemos que o Vivente, Jesus Ressuscitado, proclamado e tornado presente, liberta as velhas vidas, recomeçando uma grande festa assim na Terra como no Céu, onde todos os homens se levantam, e de cabeças erguidas, enfrentam as suas lutas e os seus sofrimentos de cada dia. Assim, diante das dificuldades em assumirmos as nossas cruces,

continuamos teimosos a falar de Jesus Cristo, sobretudo no seu seguimento, onde percebemos que a cruz não é simplesmente para ser questionada e afirmada como humilhação. Ela deve, sim, ser acolhida à imagem daquele que a assumiu como amor e no amor, elevando-a condição de Glória. Tanto a cruz de Cristo como o seguimento da cruz por parte do cristão devem ser diversamente interpretados, sem que possamos perder de vista sua reta compreensão e espiritualidade. No caso do cristão, entende-se e suporta-se a cruz a partir da lógica da ação e não do sofrimento. Ou seja, Jesus a propõe aos seus discípulos que se disponham a passar pelas mesmas conseqüências da práxis libertadora para a construção do Reino.

Sendo que a possibilidade do sofrimento não diminui em Jesus, nem em seus seguidores, a prontidão para colocar-se a serviço do Reino, anunciando os sinais da sua presença vivificante e libertadora. De todo modo, a comunhão dos discípulos com a cruz de Jesus faz com que Ele se aproprie da sua solidariedade com todo o sofrimento da humanidade. De fato, a memória do sofrimento, faz lembrar as esperanças que deixaram de se cumprir e os sofrimentos dos que faleceram, reclamando perante Deus, bem como as tragédias e os dramas humanos que parecem nunca terem fim. Assim, também a esperança na ressurreição de Cristo e de todos os crucificados, nos libertam, obrigando a uma solidariedade com todos eles: uma Páscoa em que não existam exclusões, onde cristãos se sintam ligados à Sexta-feira santa de toda a humanidade. Enfim, numa solidariedade, que não consista em suportar passivamente o sofrimento, mas no seguimento de Jesus e da cruz, para perceber que também existe espaço para criticar às injustiças, provendo uma libertação transformadora diante dos sofrimentos deste mundo, unido à Cruz e à Ressurreição do Senhor Jesus. Logo, consideramos que não possa existir uma plena libertação, sem um mínimo de sofrimento, sem um profundo agir, mesmo ou até sempre com sofrimento e dor, como também não existe um sofrimento que exija um mínimo de libertação.

Apesar de tudo e para além de toda dor, de todo sofrimento e da morte, podemos concluir, esperançosos, como São Paulo: *“Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm a proporção com a glória que deverá revelar-se em nós”* (cf. Rom 8,18). Para o cristão, a última palavra é a vida, é a Ressurreição!

Abstract: The text approaches the relation between the cross and the Christian hope in the theological thought of Italian theologian Bruno Forte. In this problematic one, we will point out the perspective of the human suffering to the light of the resurrection of Jesus Christ. Being that the conception of Bruno Forte on the question makes possible new interpretations, where its dogmatic cristology of historical bias will be able to open later elaborations in the cristologic reflection contemporary.

Key-word: cross; resurrection; suffering; hope.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1996.

BOFF, Leonardo. *O Destino do Homem e do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. *Paixão de Cristo Paixão do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *A Libertação em plenitude à luz da utopia cristã*. In:

_____. *A Fé na periferia do mundo*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 40-48.

_____. *Jesus Cristo Libertador*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

CARAVIAS, José. *Respostas Bíblicas diante da Dor humana*. São Paulo: Vozes, 1998.

EICHER, Peter (Org.). Cruz/Sofrimento. In: _____. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 144-148.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da História*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *A Trindade como História. Ensaio sobre o Deus Cristão*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Teologia da História*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Trindade para Ateus*. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *A Igreja Ícone da Trindade. Breve Eclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1987.

_____. *Introdução à Fé*. São Paulo: Paulus, 1994.

GAUDIUM ET SPES. *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de Hoje*. In: VIER, Frederico. *Compêndio Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris: carta apostólica sobre o sentido cristão do sofrimento humano*. São Paulo: Paulinas, 1984.

KNEIP, Telmo. *Ensaio de Antropologia Teológica: do sofrimento humano inocente ao Deus da Vida. Razão e Fé*. v. 2. n.1. Pelotas: Educat, 2000. p. 39-46.

LIBÂNIO, J. B; BINGEMER, Maria. *Escatologia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.

LOEWE, William. *Introdução à Cristologia*. São Paulo: Paulus, 2000.

MISTERIUM SALUTIS. *A Escatologia*. V/3. Petrópolis: Vozes, 1985.

MONDIN, Battista. *Os Grandes Teólogos do Século XX. Vol. I - Os teólogos católicos*. São Paulo: Paulinas, 1979.

MOLTMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo. Cristologia em dimensões messiânicas*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *Paixão de Deus?* In: _____. *Trindade e Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 45-74.

NOGUEIRA, Luíz Eustáquio. *O Espírito e o Verbo: As Duas Mãos do Pai*. A questão pneumatológica em Yves Marie-Joseph Congar. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

SANTOS. Gildenir. *Manual de organização para documentos impressos e eletrônicos*. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

SEGUNDO, Juan Luis. *O Evangelho da Cruz e sua chave*. In: _____. *Homem de Hoje Diante de Jesus de Nazaré*. II/I. São Paulo: Paulinas, 1985. pp. 1-16.

SUSIN, Luiz Carlos. *Sacrificialismo e Cristologia: A violência da Cruz*. In: ASSMANN, Hugo. (Org.). *René Girard com teólogos da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 240-247.

_____. *Assim na Terra como no Céu*. Petrópolis: Vozes, 1995.

